

<b>Título</b>	<b>Maria do Parque Dom Pedro (Poema)</b>
Autor/es	<b>Luiz Kohara</b>
Resumo	Poema
Ano/Edição	Ano XXX, nº 80, jan-jun/2017. São Paulo

## MEMÓRIA

<b>Título</b>	<b>A lembrança do Sul</b>
Autor/es	<b>Paola Cappellin</b>
Resumo	Depois de 16 de março, dia inaugural do plano “Brasil Novo”, os eventos vão rapidamente delineando um processo de recessão econômica, no qual se detecta a reorganização da oferta de emprego. Os jornais, reproduzindo as estatísticas do DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), tornam manchete o desemprego que imediatamente atinge os trabalhadores da construção civil, da indústria e dos serviços. Além disso, quando os dados deste período são comparados com aqueles dos períodos imediatamente posteriores aos planos “Cruzado” ’Bresser”, e “Verão”, observa-se que o plano “Brasil Novo” apresenta um impacto recessivo mais intenso, sendo que o desemprego e demissões atingem mais uma vez um tradicional segmento de trabalhadores urbanos: os nordestinos que haviam migrado para as grandes cidades do Centro-Sul. Homens e mulheres de todas as idades, e até grupos familiares, passam a povoar os terminais rodoviários; orçamentos familiares desestruturam-se; sonhos de uma vida melhor se esvanecem. O retorno para o local de origem não é novidade, muitos já o viveram, alguns pensando que não mais voltariam a migrar, outros simplesmente para ajudar a família no período da colheita. Mas o que representa para estas pessoas a migração? O que elas carregam consigo na volta? O que fica como balanço de meses, anos de trabalho nas grandes cidades do sul? Buscaremos responder a estas questões a partir de alguns resultados obtidos em estudos realizados entre 1980 e 1987 sobre um grupo de trabalhadores urbanos e rurais paraibanos que, após ter migrado para o Sul, retornam para o seu Estado.
Ano/Edição	Ano III, nº 8, set-dez/1990

<b>Título</b>	<b>Tempo de recordar</b>
Autor/es	<b>Sidnei Marco Dornelas</b>
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XI, nº32, set-dez/1998. São Paulo
<b>Título</b>	<b>Como uma bola de neve (Conto)</b>
Autor/es	<b>Liliana Laganà</b>
Resumo	Conto
Ano/Edição	Ano XI, nº32, set-dez/1998. São Paulo
<b>Título</b>	<b>Os sampauleiros: memória do deslocamento</b>
Autor/es	<b>Ely Souza Estrela</b>
Resumo	A memória coletiva dos habitantes do alto sertão da Bahia! está marcada pelo tipo/humano/social denominado de sampauleiro. Era assim que a população do alto sertão baiano designava os indivíduos que partiam para o Centro-Sul ou retornavam ao solo natal. O sampauleiro era o indivíduo que, embora possuísse a propriedade da terra, não dispunha de recursos para torná-la produtiva; era o expropriado; o antigo agregado; a vítima da seca ou dos desmandos do coronel; o filho rejeitado ou rebelde; a moça violentada; a mãe solteira, o fugitivo da lei ou da rígida moral sertaneja; o endividado; o aventureiro; o jagunço sem chefe. A naturalidade do tipo humano pouco interessava. O que contava era o propósito e as condições da viagem. Na verdade, o sampauleiro era um ser humano/social típico de uma sociedade e de uma época que, não obstante as permanências, mudou em muitos aspectos. Em algumas localidades do alto sertão baiano ainda hoje usa-se o termo, mas o mesmo não está impregnado da carga simbólica do passado.
Ano/Edição	Ano XI, nº32, set-dez/1998
<b>Título</b>	<b>Trajatórias e memórias de negros migrantes</b>
Autor/es	<b>Alecsandro J. P. Ratts</b>
Resumo	As migrações tornaram-se uma tradição para os moradores de agrupamentos rurais que se mantêm coesos apesar de toda a expropriação que ocorre no campo. Este artigo procura abordar essa tradição de migração entre indivíduos originários de “comunidades negras rurais” - os quilombos contemporâneos - no Estado do Ceará. Alguns desses homens e mulheres que apresentam grande mobilidade territorial participaram ativamente da formação de uma

rede de agrupamentos negros baseada no parentesco e na constituição de diversas auto-imagens dentre as quais a de “uma grande família espalhada pelo país”. Sem me prender à dicotomia das abordagens da migração como mobilidade da força de trabalho ou como resultado de motivações individuais (Becker, 1997; Vainer, 1996) e indo em direção contrária às afirmações imperativas de “desenraizamento” como efeito da mobilidade extrema das famílias mais pobres (Bosi, 1987: 362), pretendo discorrer sobre um fenômeno coletivo, via histórias individuais, ressaltando a dimensão étnica: são trabalhadores, são negros e migram seguindo o percurso de outros parentes e permanecem, agregados, com algumas exceções. Cabe indicar ainda que este artigo é fruto de uma pesquisa em andamento, e os dados apresentados se originam de narrativas basicamente orais e em alguns “objetos biográficos” (documentos cartorários, fotografias, utensílios, ruínas arquitetônicas) encontrados nas localidades em questão. O trabalho de campo vem acontecendo ao longo de, pelo menos, quatro anos entre os moradores de Conceição dos Caetano e Água Preta (Tururu-CE), Goiabeiras e Lagoa do Ramo (Aquiraz-CE) e entre as famílias oriundas dessas localidades e residentes em Fortaleza. As rotas migratórias principais se dão entre os agrupamentos rurais, destes para os Estados de Amazonas, Pará e Acre e, dos agrupamentos para Fortaleza.

Ano/Edição

Ano XI, nº32, set-dez/1998

**Título**

**A memória da casa e a memória dos outros**

Autor/es

**José Moura Gonçalves Filho**

Resumo

Há quatro Centros de Juventude (CJ) em Vila Joanisa, pequeno bairro afastado para a periferia sul de São Paulo. Mantiveram os nomes das comunidades a que estão vinculados: São Carlos, São João, São Francisco e Santa Rita. Sem contar sábados e domingos, as crianças são neles recebidas todos os dias da semana, pela manhã ou pela tarde, antes ou depois da escola. Todo dia há almoço e um pequeno lanche: muitas crianças só nestas refeições têm o que comer; outras, bastam-se com isso para que o alimento de casa fique para o resto da família. A ocupação da Vila Joanisa foi sobretudo conduzida por famílias de migrantes, gente saída das Minas Gerais ou interioranos paulistas. A avenida Yervant Kissaijikian, balizada pelas paradas de ônibus, corta todo o bairro até Diadema. Forma um eixo predominantemente comercial, amontoando

Ano/Edição	<p>pequenas lojas, mercado, açougue, padaria e ramificando-se por ruas bastante íngremes. Dois bolsões de barracos vão logo se expor às margens da Yervant. Se prosseguimos pelas ruas à esquerda (rumo à comunidade São João Batista) ou à direita (rumo comunidade São Francisco), pelo menos mais uma favela vai se impor de cada lado.</p> <p>Ano XI, nº32, set-dez/1998</p>
<p><b>Título</b></p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p>	<p><b>Migrantes canudenses em São Paulo: a memória num contexto de discriminação</b></p> <hr/> <p><b>José Roberval Freire da Silva</b></p> <p>Segundo dados do IBGE, o maior número de naturais de outros Estados que vivem na Grande São Paulo são de origem baiana, ou seja, 1.120.588 pessoas (PNAD, 1993), Nesse macro universo inserem-se os migrantes canudenses aos quais se reportará este artigo, cerca de duas mil pessoas que mantêm algum tipo de vínculo com a União pelos Ideais de Canudos-UPIC, fundada em 1992. Os primeiros chegaram na década de 60, abrindo caminho para os futuros migrantes que, nas décadas de 70 e 80, fizeram parte do expressivo deslocamento campo-cidade, conhecido como Êxodo Rural. Nos anos 90, os jovens constituem o contingente mais expressivo. Os primeiros canudenses dessa rede foram trabalhar em fábricas. Atualmente, a maioria trabalha no setor de serviços. Esses migrantes estabeleceram-se sobretudo em bairros da região sul da cidade – Santo Amaro, Taboão da Serra e no ABC, em Mauá e em Guarulhos.</p> <p>Ano XI, nº32, set-dez/1998</p>
<p><b>Título</b></p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p>	<p><b>Mi amada isla: construcción de la historia de vida de um inmigrante caboverdeano</b></p> <hr/> <p><b>Marta M. Maffia; Lucia E. Giorgieri</b></p> <p>El estudio de la migración caboverdeana constituye una nueva contribución al conocimiento de la diversidad cultural en Argentina, un reconocimiento del papel que jugaron ésta y otras minorías en la construcción del país y una mejor comprensión de la experiencia de los inmigrantes en América. La migración desde Cabo Verde hacia Argentina es la única proveniente de África negra en el presente siglo. Si bien sus comienzos están situados a fines del siglo XIX, se pueden establecer de modo tentativo, tres momentos de mayor afluencia: el primero entre los años 1910 y 1920, el segundo</p>

entre 1927 y 1933, y el tercero después de 1946, terminando aproximadamente en la década de los años sesenta. La conjunción de múltiples factores puso en marcha este proceso migratorio, entre los que se destacan los naturales como el suelo, de características volcánicas, y el clima del archipiélago, con sus cíclicas sequías, la ausencia de estructuras económicas de base, la política implementada por la metrópoli portuguesa, de la que fueron colonia hasta su independencia en 1975, La mayoría de los caboverdeanos coinciden en señalar como los factores más significativos: el hambre, la falta de trabajo y de un porvenir para sus hijos, factores que alimentaron durante más de un siglo la emigración en diferentes direcciones, siendo que África, Europa y América eran los principales destinos. En Estados Unidos, Brasil y Argentina se localizaron los principales contingentes migratorios que se dirigían para América. En Argentina, provenientes en su mayor parte de São Vicente, Santo Antão, São Nicolau, los encontramos a principio de siglo concentrados en las localidades ribereñas de Dock Sud y Ensenada; hoy ya con cuatro generaciones se han radicado en la Capital Federal, Provincia de Buenos Aires y en algunas otras provincias del interior del país.

Ano/Edição

Ano XI, nº32, set-dez/1998

**Título**

**Reconstruindo o passado: memórias migrantes da zona norte de Natal**

Autor/es  
Resumo

**Julie A. Cavignac**

Hoje, as consequências da passagem rápida do rural ao urbano no Brasil moderno começam a ser apontadas. Fato econômico e histórico determinante na configuração atual do país, esta mutação aparece na realidade bastante complexa e tem consequências sociais e culturais determinantes. Por isso, uma pesquisa sobre as produções narrativas de migrantes morando numa zona periférica da capital do Rio Grande do Norte (a Zona Norte de Natal), propõe avaliar a transformação de uma cultura dita tradicional (a dos habitantes do interior) num contexto urbano. Isso se torna possível ao avaliar-se a importância das mudanças na composição do corpus narrativo: memorização ou esquecimento das histórias da “tradição”, criações poéticas, sumiço dos folhetos de cordel, etc. Da mesma forma, através do relato das suas vidas, é possível perceber as transformações ocorridas na vida cotidiana dos novos moradores da cidade e dos migrantes mais antigos da Zona Norte. Afinal, é a ocasião de propor uma leitura cruzada dos textos orais e escritos

Ano/Edição	da realidade dos migrantes, dos seus discursos e das suas narrativas, sublinhando a importância do corpus narrativo da elaboração de uma identidade e, através desta, mostrar uma apropriação da história do lugar de migração e do espaço. Ano XI, nº32, set-dez/1998
<b>Título</b>	<b>Memórias de trabalhadores rurais na cidade</b>
Autor/es	<b>Charles D'almeida Santana</b>
Resumo	Entre os anos de 1960 e 1980 o cotidiano em Salvador modificava-se por força da presença de lavradores expulsos do campo baiano e por conta de diversas facetas do processo de industrialização pelo qual passava. Simultaneamente, a região dos municípios de Conceição do Almeida e Santo Antonio de Jesus, no Recôncavo Baiano, experimentava uma profunda transformação em seus modos de vida e de luta no campo. A concentração de terras, a extinção das roças de café e de fumo, o fechamento de engenhos de açúcar e a ampliação da criação de gado, processos históricos articulados entre si, empurravam os trabalhadores rurais para cidades próximas, outras regiões e estados brasileiros. Nessas circunstâncias, obviamente, a migração foi a alternativa para uma expressiva parcela dos agricultores da região, especialmente para as novas gerações que se viram sem perspectiva de encontrar terras para o trabalho.  A cidade de Salvador foi um dos principais destinos dessa onda migratória. Esta opção pela capital deve-se à ampliação de oferta de empregos, em toda sua Região Metropolitana, e à proximidade entre as duas regiões. Assim, os trabalhadores dos municípios considerados participaram, por variados caminhos, no processo cultural, no fervilhar da vida tanto rural quanto urbana da Bahia. Neste texto, nossos olhares voltam-se a alguns impasses que surgem quando buscamos interpretar, nas dinâmicas do dia-a-dia na capital baiana, a participação de trabalhadores oriundos daquela determinada região rural do Estado.
Ano/Edição	Ano XI, nº32, set-dez/1998
<b>Título</b>	<b>Memória como resistência: o migrante</b>
Autor/es	<b>Teresinha Bernardo</b>
Resumo	A memória de diferentes grupos sociais constitui um bem cujo valor é inestimável, principalmente diante do atual processo de globalização que se vive e que, para alguns estudiosos,

Ano/Edição	<p>possui o significado da homogeneização: anulam-se as diferenças mas permanecem as desigualdades. No entanto, os pesquisadores da cultura sabem que, nesses processos interativos, as produções humanas - fruto de determinadas relações sociais - longe de desaparecerem, florescem com toda a sua força. Em outras palavras, refiro-me aqui ao trabalho, aos hábitos alimentares, à religião com os seus ritos e mitos, às histórias que são transmitidas de geração em geração (se que modificadas), às danças, às músicas, às maneiras de expressar a amizade, o amor, a raiva, a dor. Essas expressões culturais, quando analisadas pelo viés da memória desnudam o cotidiano dos diferentes grupos de convívio que os indivíduos participaram no passado e vivem no presente.</p> <p>Ano XI, nº32, set-dez/1998. São Paulo</p>
<b>Título</b> Autor/es Resumo Ano/Edição	<p><b>Um olhar retrospectivo</b></p> <hr/> <p><b>Dirceu Cutti</b>  Editorial  Ano XIII, nº36, jan-abril, 2000</p>
<b>Título</b> Autor/es Resumo Ano/Edição	<p><b>Reconstruir o passado: re-significar o presente</b></p> <hr/> <p><b>Sidnei Marco Dornelas</b>  Editorial  Ano XVII, nº49, maio-ago/2004. São Paulo</p>
<b>Título</b> Autor/es Resumo	<p><b>Um migrante que veio de longe</b></p> <hr/> <p><b>Maria da Conceição A. Castro</b></p> <p>A maneira de viver do caboclo amazônico e sua relação com o mundo aquático, manifestada num cotidiano de múltiplas facetas, instiga pesquisadores e inspira poetas a tê-los como referência para suas incursões científicas ou literárias. Vê-se nos versos do saudoso poeta e maestro santareno, Wilson Fonseca, essa pujança retratada, tal como entoa na música do boto que se transforma em um belo rapaz e que depois de seduzir as caboclas ribeirinhas desaparece. Do mesmo modo, o poeta amazonense Tiago de Melo transmite com maestria esse cativante universo, em obras como “Pátria das Águas”, entre outras mais. Observa-se nas letras poéticas desse autores, o retrato de uma paisagem que ainda transpira abundância - rios, florestas, margens e ribanceiras. Nesse cenário de mitos, segredos e fronteiras ambicionadas, gerou-se a “civilização ribeirinha, na qual os rios, lagos, igarapés e</p>

Ano/Edição	igapós são fontes da vida, da morte e do imaginário regional (Amazon View, 2004). Mas, quem é esse caboclo e de onde veio? Ano XVII, nº49, maio-ago/2004. São Paulo
<b>Título</b>	<b>A memória da terra-mãe na narratividade do imigrante italiano</b>
Autor/es Resumo	<b>Antonio Busnardo Filho; Maria Ivoneti Busnardo Ramadan</b> O cultivo do café transformou o campo em espaços existenciais onde lutas, desejos e experiências eram constantemente vivenciadas; por este motivo, a epopéia cafeeira é até hoje tema da literatura, do teatro, da teledramaturgia, cuja saga suscita sempre O desejo de recontá-la. Assim, o corpus deste artigo é a história de vida de um descendente de imigrante italiano. Franqueamos ao informante, com 75 anos e alguns problemas de saúde, que fosse relatando espontaneamente os acontecimentos, sem impor-lhe nenhuma diretriz prévia, o que permitiu que ele deixasse fluir naturalmente as lembranças. Mas a um idoso trazer à tona o passado sempre desencadeia certa emoção e sofrimento e com isso as lembranças, carregadas de afeto, deslizavam desorganizadas pela memória. Suas evocações acabaram por envolver os pesquisadores. por pertencerem eles ao mesmo uni verso de vida do informante. Com o intuito de ordenar o material recolhido, a fim de submetê-lo à análise, resolvemos agrupá-lo por temas. Este procedimento fez com que de ouvintes passássemos também a narradores, caracterizando-se este “corpus” por uma polifonia de vozes narrativas. Criaram-se dois contextos de situação narrativa. Um, o do informante, que, tendo vivido a história como personagem, retira dessa experiência as informações de que necessita. Outro, em que o narrador relata uma história a que é estranho, porque não a integrou como personagem. Recorrendo à teoria da literatura, diríamos que o primeiro é o narrador homodiegético, o próprio informante, o segundo. heterodiegético. (Reis, 1995:370-371). A narrativa apresentada por temas, com suas respectivas análises, para distinguir a presença dos dois narradores usará N1 e itálico, para o narrador original e N2 para O segundo narrador, e a fala de ambos estará entre parênteses, com a fonte em tamanho menor.
Ano/Edição	Ano XVII, nº49, maio-ago/2004. São Paulo



<b>Título</b>	<b>Guardiões de memórias: a força dos arquivos pessoais</b>
Autor/es	<b>Maria Catarina Chitolina Zanini</b>
Resumo	Este breve ensaio! tem a pretensão de, por meio da descrição de momentos de minha pesquisa etnográfica entre descendentes de imigrantes italianos da região central do estado do Rio Grande do Sul, salientar o quanto a identidade étnica e a construção de memórias se assentam tanto em narrativas como em objetos e lugares (especialmente as casas) dos quais os indivíduos extraem sentido e força para constantemente reatualizarem suas noções de pertencimento grupais (e pessoais também). Tais objetos e lugares são considerados sagrados pelos seus detentores, guardados e conservados como relíquias de família e, por eles, e em torno deles se reforça todo um zelo aos antepassados, ao tempo dos antigos' e tudo o que deles exala. São, em termos antropológicos, portadores de mana (Mauss, 1974: 138), e as narrativas acerca das origens, por vezes, se inspiram neles e deles extraem legitimidade e temporalidade.
Ano/Edição	Ano XVII, nº49, maio-ago/2004. São Paulo
<b>Título</b>	<b>Do colonato ao assalariamento</b>
Autor/es	<b>Neusa de Fátima Mariano</b>
Resumo	Os relatos aqui reunidos são de ex-trabalhadores do campo em Jaú-SP; suas lembranças expressam o modo de vida simples nas colônias durante as décadas de 1940, 5() e início de 6(). Os depoimentos versam ainda sobre a sociabilidade nos dias de hoje, no contexto das novas relações de trabalho, com a implantação do assalariamento no campo. Os ex-trabalhadores em questão são resultado da intensa miscigenação que, no estado de São Paulo, envolveu populações caipiras negros e imigrantes europeus. Foram trabalhadores agrícolas, primeiro como colonos e, depois como assalariados no campo ou na cidade. Como assalariados, muitos tornaram-se moradores da cidade de Jaú e da metrópole paulistana, tendo assim, vivenciado a experiência do êxodo rural. O município de Jaú (SP) foi grande produtor cafeeiro e receptor de imigrantes europeus, principalmente italianos integrados ao sistema de colonato <sup>2</sup> e, mais recentemente destacou-se na produção de cana de açúcar, já com a implantação do assalariamento no campo. Para que se possa produzir documentos a partir dos relatos orais é preciso analisar os mesmos, não havendo como fugir da interferência do pesquisador que, após transcrevê-los,

Ano/Edição	<p>os fragmenta e seleciona trechos conforme o seu interesse. Portanto, as narrativas aqui registradas mostram um passado a partir de lembranças de um momento histórico vivido e sentido, permitindo o entendimento do processo pelo qual se chegou ao modo de vida atual. Enfim, um modo de vida simples, de trabalho pesado, recompensado de vez em quando por festas é o que revelam os relatos de ex-trabalhadores do campo sobre a vida nas fazendas, sob O regime de colonato.</p> <p>Ano XVII, nº49, maio-ago/2004. São Paulo</p>
<p><b>Título</b></p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p><b>Os espanhóis de Villa Novaes e suas narrativas</b></p> <p><b>Marília Klaumann Cánovas</b></p> <p>O imigrante espanhol representou, segundo destacados estudiosos da temática da emigração em massa <sup>1</sup>, o terceiro contingente em volume a dirigir-se para o Brasil no cômputo geral do período. Há indícios, no entanto, de que teria representado, dentre os ingressos das principais nacionalidades para o Estado de São Paulo no mesmo período<sup>2</sup>, a segunda posição dos que demandaram as lavouras cafeeiras do Oeste Paulista <sup>3</sup> por razões diversas, a essa expressividade numérica parece não corresponder um número equivalente de investigações, se compararmos ao montante de trabalhos multidisciplinares que foram destinados ao emigrante italiano, por exemplo. Nos inícios da década de 1980, após longa peregrinação por diversos locais e acervos, na tentativa de rastrear a presença de vestígios da passagem desse contingente pelo Estado de São Paulo, foi-nos sugerida como uma possibilidade uma localidade próxima à cidade de Catanduva — Villa Novaes — por haver concentrado em sua ocupação inicial, grande número de famílias espanholas que para lá haviam ocorrido, nas primeiras décadas, atraídas pela possibilidade de adquirir seu quinhão de terra. Lá existiriam, segundo o informante, remanescentes (ainda) de primeira geração e seus descendentes, cujas histórias lhe eram familiares e próximas, já que sua mãe fora parteira no local por várias décadas. Essa informação, à época, forneceu-nos ânimo renovado. Afinal, durante meses, havíamos percorrido, em vão, distintos locais e pesquisado diferentes acervos documentais, na tentativa de vislumbrar qualquer possibilidade de viabilização de investigação acerca desse grupo.</p> <p>Ano XVII, nº49, maio-ago/2004. São Paulo</p>

<b>Título</b>	<b>Os brincantes de Lucas e histórias de um boi migrante</b>
Autor/es	<b>Luciana Gonçalves de Carvalho</b>
Resumo	Diferentes expressões populares aludindo ao tema de perda e recuperação de um novilho precioso espalham-se por quase toda parte do Brasil, como variantes de um mesmo ciclo mítico do boi que aparece incorporado em muitas histórias, músicas, danças e performances dramáticas pelo país afora: boi calemba no Rio Grande do Norte, boi pintadinho no Rio de Janeiro, boi bumbá no Pará e Amazonas, boi-de-mamão em Santa Catarina, boi-de-reis no Espírito Santo, cavalo-marinho em Pernambuco e bumba-meu-boi no Maranhão, Realizações singulares de um conjunto amplo de manifestações em que a figura de um boi — uma representação plástica do animal, mais ou menos realista, confeccionada artesanalmente — contracena com homens e mulheres nos papéis de cantadores, vaqueiros, índios, palhaços, escravos, fazendeiros e outros, essas expressões conjugam modalidades distintas de canto, toque, dança, teatro, narrativa e jogo. Frequentemente associadas a crenças e sentimentos religiosos, não perdem, contudo, o caráter lúdico que seus praticantes lhes reservam e denunciam, ao tratá-las preferencialmente como brincadeiras, e a si próprios como brincantes.
Ano/Edição	Ano XVII, nº49, maio-ago/2004. São Paulo
<b>Título</b>	<b>Migrantes em Jaraguá do Sul (SC): novos “carreros” a serem percorridos e a tessitura do “fio de Ariadne”</b>
Autor/es	<b>Ancelmo Schörner</b>
Resumo	A história oficial de Jaraguá do Sul, cidade localizada no Norte de Santa Catarina, sustenta que em 1864 a princesa Isabel, filha do imperador Pedro II e herdeira do trono, casou-se com o Conde d’ Eu. Como parte do dote constavam as terras que vieram a formar o município, no Vale do Itapocu. Ao engenheiro e coronel Emílio Carlos Jourdan, amigo do Conde d’Eu e da princesa Isabel, coube a tarefa da demarcação das terras. No princípio eram 12 léguas quadradas, sendo aumentadas, posteriormente, para 25 léguas quadradas. A região começou a ser explorada efetivamente a partir da década de 1870, quando Jourdan chegou para tomar posse de dez mil hectares de terras ao norte da Colônia Dona Francisca, entre a barra do Rio Jaraguá, a Leste, e a margem do Rio Itapocu, ao Norte. Antes da assinatura do contrato de medição, em 11/01/1876, Jourdan havia feito um contrato com a princesa para colonizar parte do referido patrimônio. Pelo contrato ela arrendou, durante 15 anos, 430

Ano/Edição	<p>hectares de terras no Jaraguá sede, fez promessa de venda de dois mil hectares e, caso a compra se efetivasse, não precisaria pagar o arrendamento recebendo, ainda, o direito de povoar e extrair erva-mate, madeira e minérios. Assim, a história do Jaraguá está intimamente ligada às amizades de Jourdan com os proprietários das terras onde foi erguido o Estabelecimento Jaraguá, que consistia em engenho de açúcar, de farinha de mandioca e de fubá, olaria e serraria, em 1877.</p> <p>Ano XX, nº58, maio-ago/2007. São Paulo</p>
<b>Título</b>	<b>Duas lembranças: migração, história e cativo num povoado mineiro</b>
Autor/es	<b>Eduardo Magalhães Ribeiro; Flávia Maria Galizoni</b>
Resumo	De que se recorda o migrante, qual lembrança carrega da sua terra, e como constrói sua história? Migrantes transportam consigo uma história própria, que se expressa no costume e no sotaque; às vezes retornam à origem em busca das lembranças que carregam na memória, e costumam ser muito valorizadas, porque os conforma como sujeitos. Quase sempre é assim, e isso foi comentado com tanta frequência na literatura e nas pesquisas que se tornou quase um consenso. Drummond resumiu tudo num poema, mostrando que, definitivamente, a lembrança é a maior das bagagens que o migrante carrega consigo: afinal, ele teria mesmo, algum dia, saído de sua terra? Mas sempre é preciso ter claro que lembranças não são fatos, não são estáveis, e nem mesmo são individuais. Elas não são registradas. cambiam. são flexíveis, Por isso, são referências que podem ser transformadas e reconstruídas, e assim ganham uma força maior que o poder de lembrar, que a memória. Embora possam ser um capital coletivo dos mais valiosos, base para ações por emancipação e liberdade, podem ser também base para construir domínios sobre pessoas ou grupos. Então. a história recontada desmonta, desfaz, remonta outras histórias.
Ano/Edição	Ano XXI, nº60, jan-abril/2008. São Paulo
<b>Título</b>	<b>Lembranças de viagens às fronteiras do Brasil – migrações temporárias de lavradores do nordeste mineiro</b>
Autor/es	<b>Eduardo Magalhães Ribeiro; Flávia Maria Galizoni; Thiago de Paula Assis</b>
Resumo	Desde começos do século XX, lavradores do nordeste de Minas Gerais migraram rumo às fronteiras agrícolas do Sudeste e Sul brasileiros. Esses lavradores saíam dos vales dos rios

Mucuri e Jequitinhonha e, apesar da grande distância, em boa parte das vezes migravam temporariamente, por conta do esgotamento das terras de plantio e da impossibilidade de auferir renda em dinheiro trabalhando nas decadentes fazendas de gado da região. Este artigo<sup>1</sup> descreve esses deslocamentos temporários para essas fronteiras, analisando as situações que os levavam a migrar, a maneira como perceberam essa migração e, por fim, suas aventuras no destino escolhido. O artigo tem origem numa pesquisa realizada entre 2000 e 2001, em municípios do nordeste de Minas Gerais, e em Betim, Contagem e Belo Horizonte, no centro de Minas, entrevistando antigos migrantes, agora lavradores da sua própria terra, que narravam seus destinos, o aprendizado no trabalho, a situação da partida e retorno. A investigação combinou pesquisa documental e de campo, analisando a dinâmica do sítio familiar e da fazenda do nordeste de Minas Gerais, investigando fluxos migratórios e a entrada no mundo do trabalho. Foram entrevistados sitiantes, assentados, aposentados e assalariados rurais originários do nordeste mineiro que migraram depois dos anos 1950, além de mediadores, agentes de pastoral e fazendeiros.

Ano/Edição

Ano XXI, nº 61, maio-ago/2008. São Paulo

**Título**

**Memórias de gênero: a construção de uma *ídischkeit* imaginária no Brasil**

Autor/es  
Resumo

**Joana Bahia**

Este artigo analisa a vida e a importância das ativistas de esquerda europeia e nacional, na elaboração de uma identidade judaica progressista e libertária, base da formação, entre os anos 1910 e 1920, da Associação Scholem Aleichem (ASA) e da Casa do Povo ou Instituto Cultural Israelita Brasileiro (ICIB), instituições atualmente situadas nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, respectivamente. Muitos deles vieram por motivos econômicos, mas, os principais fatores para o seu deslocamento foram as ditaduras na Polônia, Hungria e Romênia, e a crescente ascensão do antissemitismo, e de suas militâncias nos partidos comunistas e no *Bund*. Os jornais e demais documentos, bem como entrevistas feitas com os ativistas constituem as fontes analisadas neste artigo. As posturas políticas, o modo como organizavam as atividades em ambas as associações, suas ideias sobre identidade e educação (formação de uma rede escolar própria) são dados

Ano/Edição	considerados para a compreensão do que o grupo concebe como identidade étnica e social. Ano XXIV, nº 68, jan-jun/2011. São Paulo
<b>MERCOSUL</b>	
<b>Título</b>	<b>Migrações no MERCOSUL</b>
Autor/es	<b>Dirceu Cutti</b>
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XII, nº 33, jan-abril/1999. São Paulo
<b>Título</b>	<b>Migração brasileira no MERCOSUL</b>
Autor/es	<b>Rogério Haesbaert; Marcelus Silveira</b>
Resumo	Este trabalho diz respeito ao processo migratório de brasileiros para os demais países do Mercosul. processo antigo, mas que tem se revigorado nas duas últimas décadas, configurando migração diferenciada que envolve principalmente habitantes do Sul do País que se dirigem para os vizinhos do Prata em busca de terras para a agricultura. Ao contrário de outros migrantes que se dirigem predominantemente para as cidades caso dos paraguaios na Argentina - os brasileiros estão. basicamente. expandindo a chamada fronteira agrícola do País e “exportando” os dilemas já vividos no Brasil. Daí a recente preocupação revelada pela imprensa. especialmente no Uruguai e na Argentina. com a provável entrada dos sem-terras brasileiros em seus territórios.
Ano/Edição	Ano XII, nº 33, jan-abril/1999. São Paulo-SP
<b>Título</b>	<b>Entre as leis e as realidades localizadas: as tentativas de construção de um mercado comum solidário</b>
Autor/es	<b>Marcia Anita Sprandel</b>
Resumo	O presente artigo é uma tentativa de diagnosticar, sete anos depois da assinatura do Tratado de Assunção, de que forma vem se desdobrando a “livre circulação de forças produtivas”, ou seja. de trabalhadores (formais ou informais) e de suas famílias. pelas fronteiras do Mercosul. Ao fazê-lo. identifica como diferentes instâncias da sociedade civil. principalmente as centrais sindicais e as organizações não-governamentais, se inserem neste processo. de forma a influenciá-lo. Num